

Coincidências e outras Narrativas

Renata Soltanovitch

São Paulo – janeiro/2022

1ª edição

CONTO 1
COINCIDÊNCIAS

Tadeu era um jovem preso, que se arrependeu de entrar no mundo do crime.

Não enriqueceu e descobriu que somente o dono da boca de fumo e o traficante eram quem ganhava as melhores mulheres e quem tinha o poder.

Estes viviam bem, com uma casa e carro confortáveis. Aos demais, era só corre-corre.

Tadeu sabia que, até virar gerente do tráfico, teria que sujar muito suas mãos de sangue, e ele realmente não estava a fim.

Em seus dias na cadeia, preferiu aprender uma nova função. Como pedreiro, poderia construir sua própria casa, no lugar que quisesse, e, quem sabe, poderia cursar uma faculdade de engenharia e construir outras casas para vender.

Mas, em um dia de visita de sua irmã, recebeu a triste notícia de que sua querida avó, que lhe criava com tanto carinho, havia falecido, após cair na rua.

Mas não foi uma simples queda. Sua avó foi assaltada por um vagabundo que arrancou seu celular da mão com tanta força, que ela veio a cair e bater a cabeça no meio-fio da calçada.

Apesar de todo o esforço dos bombeiros e do Samu, sua querida avó faleceu a caminho do hospital.

Mas, se isto poderia confortar seu coração, o tal laráprio havia sido preso e o celular, que guardava suas fotos desde criança, havia sido recuperado pela polícia.

Passadas algumas semanas, qual não foi a coincidência de o tal laráprio vir a ser seu companheiro de cela!

É que o novato, se gabando de dar fuga e uma canseira na polícia, disse apenas que roubou um celular de uma mulher que estava, de bobeira, falando com alguém ao telefone.

Só não sabia que este alguém era o seu companheiro de cela, já na cadeia, que falava semanalmente ao celular com sua avó.

Embora Tadeu não mais quisesse se envolver com o crime, decidiu ele mesmo matar, dentro da cadeia, o tal laráprio, enforcando-o enquanto dormia – e, para que pudesse já treinar o seu ofício de pedreiro, o rebocou na parede da cela.

Como ninguém visitava o tal laráprio, demorou para a chefia da carceragem dar falta do tal bandido e – o que não é um peido

para quem está cagado – que Otávio, um outro companheiro de cela de Tadeu, assumiu o crime, já que sua lista de assassinatos era grande e sabia que, mais cedo ou mais tarde, a justiça lhe concederia algum benefício.

Em troca, Tadeu tinha que construir uma casa para a família de Otávio, tão logo saísse da cadeia.

E assim foi feito. Cada um cumprindo sua promessa, sem precisar de papel escrito e assinado, sem presença de qualquer testemunha ou elaboração de documento feito por advogado. Porque homem que é homem cumpre sua palavra de honra.

CONTO 2 **COMERAM O BISPO**

Não, não estou jogando xadrez.

A bem da verdade, não sei nem jogar.

Bom, mas aqui a estória é outra. Ou a história é outra. Com ou sem H, tudo tem um fundo de verdade.

Para quem nunca ouviu falar nos índios antropofágicos, vale a pena uma boa dose de criatividade.

O que vou contar aqui para vocês é sobre o bispo que, achando que pudesse ajudar e defender os índios, acabou sendo, literalmente, comido por eles.

Depois de receber uma flechada nos olhos e outra no peito, teve seu corpo esquartejado.

As mulheres da tribo eram encarregadas de abrir sua barriga, tal qual faziam com os porcos.

Aquelas que ainda estavam amamentando seus bebês tinham o direito de embeber seus seios com o sangue do bispo e amamentar seus filhos.

As solteiras comiam os órgãos sexuais e os homens o miolo do seu crânio.

As crianças, seus intestinos.

O que sobrava era usado como isca para algum outro predador, que certamente seria o próximo jantar.

Quanto inconformismo nesta vida! E, se poucos irão ler estas linhas, tanto faz as histórias aqui descritas. Acredite se quiser!

CONTO 3
SURTOS PSICÓTICOS

Já era tarde, mas Tiago estava fora de si.

Drogas, isto era o que ele usava.

Um playboyzinho da grana, carro importado blindado, mas ajudando a propagar o crime.

Uma maconha aqui, um LSD ali e lá estava ele, entalado de cocaína até o rabo.

E, num surto psicótico, decidiu, com uma faca em punho, agredir a empregada que tanto lhe prestou bons serviços domésticos.

Sua mãe, assustada, ligou para a polícia, que chegou bem rápido.

A PM foi recebida com tijolos e então o rapaz, ainda alucinado, ameaçou sua própria mãe, que gritava para o policial pedindo socorro.

Foi tentando vários tiros de munição de borracha, mas nada evitava a ameaça da faca, não restando ao policial senão neutralizar o playboy com disparos de arma de fogo.

E foi assim que Tiago morreu, morto pelas suas próprias drogas.

CONTO 4
OLHOS FECHADOS

Tartur morreu atropelado, depois que um rapaz, bêbado, resolveu pegar seu veículo após curtir a noitada em um badalado bar da cidade.

Do IML ao velório, não demorou muito tempo.

Mas Tartur não queria ter morrido. Amava sua vida, sua família e se preocupava com sua filha, Adriana.

Mas ele só resolveu descansar os seus olhos quando sua amada filha, Adriana, chegou ao velório e, em prantos, disse ao pai que o tal rapaz que o havia atropelado estava preso.

Era a justiça da Terra confortando o espírito do morto.

CONTO 5
NA IMINÊNCIA DA MORTE

Miguel estava sozinho em seu quarto, no hospital, e sabia, dentro de si, que não sairia vivo dali.

Fora médico no passado e entendia bem o que diziam seus exames.

Decidiu parar com os remédios e então pediu para a moça da limpeza que diariamente arrumava o seu quarto com uma alegria peculiar para lhe arranjar um caderno e uma caneta bic da cor azul.

E foi assim que Margarida, atendendo aos desejos do moribundo, foi contemplada com uma casinha no meio das montanhas.

Miguel escreveu, com todas as letras, seu estado de saúde, demonstrando sua capacidade mental, o seu desejo de testar e contemplar algumas pessoas, e ainda excluindo seus filhos, por nunca tê-lo visitado nem mesmo em seu leito de morte.

Embora Miguel tivesse capacidade para testar, deixar de fora seus herdeiros necessários, que sequer tinham contato com ele, isto foi suficiente para que seu testamento particular fosse anulado, ainda que testemunhado pelas três enfermeiras que, de forma gradual, faziam rodízio no quarto do médico, deixando-o sempre confortável.

Anulado o testamento pela justiça, ficaram seus herdeiros com aquilo que Miguel guardou a vida toda para que pudesse ter uma velhice saudável.

Morreu no quarto de um hospital, apenas com a companhia da moça da limpeza e de suas enfermeiras, sem nunca ter recebido a visita de seus filhos, herdeiros necessários.

Enquanto os costumes não forem mudados, a lei se impõe, não a gosto do freguês!

CONTO 6
O CONTO DO VIGÁRIO

Desde a época da coroa portuguesa era assim... invadiam-se terras e, bom, quem já teve terras invadidas sabe bem que não consegue retirar o capiaba de lá na base da justiça.

É pau e pedra!

Olho por olho e dente por dente!

Capiaba merece capataz. É assim que funciona em uma terra sem lei.

E, sabe, a cidade era pequena e a paróquia daquele lugar invadido, para manter as missas repletas de fiéis, ficar com dízimos – diga-se de passagem –, tinha ali o livro do registro de organização da declaração de posse.

Era o vigário que registrava tudo, tintim por tintim... claro, mediante a contribuição do tal dízimo.

Sabe como é, a igreja tem custo e o Vaticano não reconhecia aquela paróquia. Mas ninguém precisava saber disso!

O vigário transformou parte da sacristia em um cartório de registro de imóveis, com emolumentos e tudo!

Bom, emolumentos mais o dízimo, diga-se de passagem!

CONTO 7
UM CORPO ESTENDIDO NO CHÃO

O susto foi grande!

Cidade pequena, pobre. Muito pobre.

O que sustentava a cidade era uma única fábrica de pneus.

Que ironia! O pneu que passou em cima do padre.

Coitado do padre!

A pequena e única paróquia na cidade, onde todo cidadão ali se encontrava nos dias da missa.

Sejamos justos! Nem todo cidadão.

Se não era na igreja, era no bar.

Na verdade, até o padre, às escondidas, ia “tomar uma” no bar.

O dono, o Sr. Moisés, já acostumado com as vontades do padre, fechava as portas para os fregueses e abria a porta dos fundos para o padre.

Eram apenas alguns que conheciam esta versão do padre. E estes alguns respeitavam o sigilo do padre e eram seus bons companheiros, contavam suas anedotas, em meio a sermões, mas de uma forma tão leve, que fazia com que os homens se tornassem bons.

Mas, em uma destas noites, o padre, mais para lá do que para cá, foi atropelado por um pneu que se desprende de um carro que praticamente se desmilinguiu após cair em um buraco em plena rua, mal cuidada pela prefeitura.

Quando o pneu desgovernado bateu no padre, este se espatifou no chão, bateu a cabeça e ali ficou.

Era um corpo estendido no chão.

Encontraram o padre somente no dia seguinte, congestionando a cidade de carros e carroças, pois ali era uma via de muito fluxo.

A empresa de pneus, única fonte de renda da cidade, cujo dono era o próprio prefeito, para não fechar as portas ou até mesmo responder a um processo, pois coincidentemente era ele quem dirigia o veículo, contratou uma equipe de estrategistas na busca de uma solução.

Decidiram então transformar o evento da morte em uma lenda, com a afirmação de que o padre aparecia nos lugares, mesmo depois de morto.

Procissões eram feitas em sua homenagem e ali se fundaram diversas casas religiosas com o intuito de atrair mais público.

Os viajantes se hospedavam na casa dos moradores, que sempre tinham várias histórias assombradas para contar.

E foi assim que um corpo estendido no chão tornou-se uma atração turística, com direito a desenho no asfalto e vários monumentos em homenagem ao padre morto.

Porém, até agora, não se achou o culpado por sua morte.

CONTO 8

UMA MORTE DIGNA

Marcella havia sido assaltada e, por livre arbítrio do bandido, levou um tiro que lhe deixou por muito tempo em estado de coma.

Preso, o bandido sequer se preocupou com o tal latrocínio, pois, para ele, era mais um. Sabia que, mais dia ou menos dia, sairia

pela porta da frente, seja por bom comportamento ou pela saidinha de final de ano.

Enquanto isso, Marcella passava por várias cirurgias. Com a dedicação dos médicos e a oração de sua mãe, saiu do coma, mas se viu presa em seu corpo, tetraplégica e ainda sendo alimentada por uma sonda.

Apenas seu cérebro funcionava, o que lhe facultava expressar suas emoções e seus pensamentos.

Pedi para a mãe chamar o advogado da família e para ele confessou que não mais queria viver. Sabendo que seus pais jamais iriam medicá-la para a morte, decidiu pedir que a Justiça o fizesse.

Depois de tentar convencê-la do contrário, o advogado viu que era em vão e então contatou o tabelião de notas para lavrar uma procuração pública para iniciar o processo, que teria um pedido inédito, uma morte digna.

Marcella não mais podia viver com dignidade, já que sequer tinha vida. Não conseguia nem mesmo ficar sentada em uma cadeira. Não havia mais sustentação do corpo. Era só deitada. Não tinha mais prazer na vida. Não tinha mais sequer vida.

Seus pais estavam limitados, pois precisavam manter a filha sempre limpa e ligada a uma sonda, para receber alimentação, oxigênio e água.

Enquanto o bandido podia se alimentar sozinho e limpar a própria bunda, Marcella dependia o tempo todo de todo mundo, sem contar que usava fraldas, já que não conseguia mais controlar nem mesmo sua vontade de fazer cocô.

Mas o advogado sabia que o pedido de Marcella era impossível, pois a lei não previa esse tipo de situação, mas, mesmo assim, tentou.

Despachou com o juiz, conversou com o Ministério Público, foi para a imprensa iniciar um debate sobre o tema, mas de nada adiantou. O seu pedido ainda não havia sido levado a efeito e, enquanto isso, Marcella emagrecia, tinha escarnos na pele por ficar deitada, seus pais faziam vigília dia e noite em seu leito, para que ela não engasgasse com a própria saliva ou a sonda não entupisse.

Seus pais adoeceram moralmente e ficaram mais pobres, pois o custo da alimentação, as fraldas e os inúmeros remédios para combater as insistentes infecções que sempre apareciam pela fraqueza de Marcella eram custeados somente por eles.

Os dias foram passando, os meses, os anos, e o bandido que praticou o crime contra Marcella foi solto, enquanto ela, bem...

ela esperava que um dia pudesse se desprender daquele corpo e, com a autorização da justiça, ganhar a liberdade que sua alma tanto procurava.

Bandido solto e vítima presa!

CONTO 9

PRESA NO CEMITÉRIO

Samantha estava sumida fazia algumas horas, mas seu tio Zezé nem se preocupou, já que a criança vivia dando seus perdidos por aí, por mais que ele achasse perigoso. Já havia dito isto para sua irmã, que sequer ouvia seus conselhos.

Naquela noite, Zezé, que vivia de bicos, foi convidado para ficar na guarita de um cemitério em um bairro distante e, como precisava de trabalho, aceitou.

Nunca havia trabalhado de vigia em cemitério e não achou estranho quando uma equipe de pedreiros decidiu fazer uma reforma em um túmulo com uma simples autorização da administração.

Com eles, havia um garoto de 10 anos que ajudava a carregar uma pá.

Embora Zezé tivesse percebido o garoto choramingando, acreditou que, por já ter passado do horário do jantar, o menino

deveria estar com fome, pois um dos pedreiros, ao se dirigir à criança, afirmava que, assim que tudo acabasse, ele poderia comer.

Passadas algumas horas e após avistar a equipe de pedreiros ir embora, Zezé começou a ouvir gritos de uma criança.

Assim que chegou o funcionário que ficaria na guarita para rendê-lo no fim de expediente, resolveu ir embora, mas sem antes passar naquele túmulo reformado.

Foi quando então ouviu gritos novamente e chamou seu colega para ajudar a remover o cimento, que ainda estava fresco, de modo que constatou a existência de um saco preto, dentro do qual havia o corpo de um garotinho, aparentemente de 10 anos, o mesmo que segurava a pá, vestido todo de branco e com uma fita vermelha amarrada na cintura. Seus membros estavam todos quebrados. Estava seco, como se alguém tivesse retirado todo o seu sangue em um ritual.

Ele parecia estar naquele saco há alguns dias e estava dobrado. Sua roupinha estava suja. Parecia um boneco.

A polícia foi chamada e em pouco tempo a equipe de pedreiros foi presa por praticar ritual macabro.

Seja como for, Samantha foi proibida de sair de casa sem um adulto de confiança ao seu lado. O mundo estava ficando cada vez mais perigoso!

Já foi o tempo em que criança tinha liberdade de criança!

CONTO 10

FACULDADE

Era uma das obras mais lindas que eu tinha visto e, acredite, já havia visitado muitos cantos da Europa, cidades velhas. Mas nada comparado àquilo. É verdade, a mistura da emoção com a beleza do lugar irradiava. Jorrava em minhas veias muito mais do que sangue. Era a sede de justiça.

Era um sentimento jovial e não de vingança. Algo parecido com sentimento de liberdade e igualdade.

Embora eu vindo de uma família rica, e por isto que poderia sentar naquele banco acadêmico, não sabia muito bem o que significava a ausência de liberdade e igualdade. Nunca me faltou o pão e nem mesmo qualquer restrição de ir e vir, em seu sentido lato sensu. Se é que você me entende, caro leitor!

Subi as escadarias com cautela, espionando demoradamente cada vitrô, para que ficasse não somente em minha retina, mas também em minha alma.

Entrei na sala de aula calado, como de costume, e o professor já se encontrava à mesa, orgulhoso de si, para palestrar sobre um tema que lhe era caro. O direito constitucional.

Fiquei ali imaginando quem escrevia tantas regras, se acreditava, de fato, naquilo legislado. Embora o papel aceite tudo, já diziam outros mestres.

Mas não tardou muito da aula e aquela utopia foi silenciada com a entrada da polícia. Eram tempos difíceis, acreditavam alguns de meus colegas, visto ter comida na mesa, saldo em conta, mas com um ideal para bandeirar. Era moda.

Defendia-se algo que nem sempre, ou quase nunca, queria se vivenciar. Fácil é defender uma tese, uma ideia apaixonante, um discurso inflamado.

Belo é o aplauso dos idealistas, com suas gravatas importadas e seus sapatos engraxados.

Quer dividir o seu pão ou assegurar-se de que sua máscara de oxigênio lhe servirá?

Não se esqueça de fazer o check-in de seu voo com antecedência, e boa viagem!

CONTO 11
ESCRITOS

Imagine-o o leitor em um leito de hospital. Consciente, mas com uma sentença de morte cravada em sua certidão de nascimento. Não há o que fazer. Reuniu-se a junta médica. Vários especialistas. Idas e vindas de exame. Nada. Absolutamente nada a ser feito.

Precisou avisar o paciente em primeiro lugar. Ele era jovem. Tinha o direito de escolher o que fazer nos dias seguintes que lhe restavam de vida, já que não havia remédio que curasse seus males.

Sair de alta e morrer em casa era um direito que lhe assistia, mas inútil, pois tumultuaria a família e criaria um trauma desnecessário.

Desculpe, a morte é feia!

Então decidiu escrever um diário. Outro tipo de sofrimento, e guardadas as devidas proporções, mas inspirava-se em Anne Frank. Claro, o horror da guerra! Mas cada um com sua dor. Quem tem a sua sabe o quanto dói! E ele também não deu causa àquele sofrimento. Fez tudo direitinho. Era vegano, praticava esportes, vivia em paz. A vida era boa, até que veio o diagnóstico e nada mais poderia ser feito.

Inconformado e magoado, pegou a caneta e o papel e começou a escrever, escrever, escrever... fechou os olhos e não mais acordou!